A INTERESSANTE ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DOS LIVROS MANUSCRITOS

Elizangela Nivardo DIAS•

O foco deste trabalho é apresentar brevemente a estrutura e a organização de livros manuscritos e analisar a utilização dos reclames. Reclame é a palavra, parte de palavra ou grupo de palavras que, no final de uma página, de um fólio, ou de um caderno, duplicam o início do texto da página, fólio ou caderno seguintes, de acordo com Xavier e Mateus (1990, p.307)[1].

O reclame no livro

Com o propósito de especificar o lugar do reclame dentro de um texto e, mais especificamente, no livro, fazemos uma exposição sobre as principais características do

• Mestre em Letras - da Área de Filologia e Língua Portuguesa da USP. Orientanda do Prof. Dr. Silvio de Almeida Toledo Neto. eliznd@usp.br

[1] Vejam-se outras definições: "Anotación al final de una página, folio o bifolio, y más frecuentemente al final de un cuaderno, de la primera o primeras palavras de la página siguiente, permitiendo así el control de la correcta sucesión de los folios o cuadernillos" (PILAR et al, 1997); "palavra ou grupo de palavras que, no final de um caderno remete para a primeira palavra ou grupo de palavras do caderno que imediatamente o segue" (NASCIMENTO; DIOGO, 1984); "At the foot of each page, below the end of the last line, we generally find the first word – or part of a word - of the following page. This is called the "catchword". Its purpose was probably to aid the printer in imposing the pages correctly."(McKERROW, 1927, p.26).

livro manuscrito, a partir de conceitos fornecidos pela Codicologia e mais brevemente da Bibliografia Material.

A Codicologia ocupa-se de elementos do códice, ou livro manuscrito antigo, a fim de realizar, a partir da observação, uma descrição e interpretação de questões referentes ao suporte, tinta, letra, organização dos cadernos, paginação, cosedura, encadernação, entre outros. A finalidade é a reconstrução de fases da elaboração do códice e história de sua utilização (cf. XAVIER, MATEUS, s.v. *Codicologia*).

Enquanto a Codicologia se ocupa do livro manuscrito antigo, a Bibliografia Material trata do livro impresso. Essa disciplina tem por fim observar, descrever e interpretar elementos bibliográficos, a fim de traçar a história da produção e circulação do livro (cf. XAVIER, MATEUS, s.v. *Bibliografia Material*). A seguir, desenvolvemos um pouco mais os conceitos de ambas as disciplinas, dada a relevância que sua compreensão apresenta para o presente estudo.

Cabe ao pesquisador da área de Codicologia conhecer o quadro teórico da ciência codicológica e atender à finalidade essencial do estudo do códice - que é situá-lo de modo a compreender a transmissão do texto e a sua funcionalidade de leitura, e fixa a atenção particularmente em constituir instrumentos de recuperação do livro e, dos fundos de manuscritos. Garcia chama esta ciência de *"*Arqueologia del libro*"*, tanto do ponto de vista formal como textual (2002, p.23).

Na Codicologia, importa considerar, primeiramente, os suportes da escrita medieval: papiro, pergaminho e papel. Foram utilizados inicialmente como suportes para a escrita: madeira, casca de árvores, folhas de palmeira, peles de animais, tabuletas de cera e o couro. A revolução para a confecção do livro foi a produção do papiro que diminuía os

problemas apresentados pelo uso de vegetais, da madeira e da argila.

O papiro era de uso exclusivo do Egito até aproximadamente o século VII. Era feito de caule de um tipo junco, cujo nome científico é *Cyperus Papyrus*, as lâminas longitudinais e transversais eram coladas e formavam as folhas, geralmente usadas em forma de rolo, portanto os livros eram em rolos, mas também havia os livros quadrados. Este material não era muito resistente e com novas alternativas de materiais para a escrita, deixou totalmente de ser usado no século XI.

O pergaminho foi o principal material utilizado para a escrita entre os séculos IX e XII na Europa. Era feito de pele de animais, tais como o carneiro, bode, bezerro etc. Seu preparo é teoricamente simples, mas bastante trabalhoso. Vejamos: deixava-se a pele do animal de molho em água com cal por aproximadamente três dias, depois disso, raspava-se a pele para extrair os pêlos e gorduras e, a seguir, para uma raspagem mais refinada, usava-se pedra-pomes. Então, sobre uma bancada, a pele secava ao sol. Acompanhando a História, temos que a origem deste suporte de escrita deu-se em Pérgamo, por ordem do rei Euménes II, no séc. II a.C.. Portanto, a origem do nome pergaminho, deve-se ao topônimo Pérgamo. Esta invenção deveu-se à proibição do uso do papiro, por Ptolomeu V – do Egito. No entanto, atualmente consideramos que ocorreu um aprimoramento da técnica de confecção de suportes para a escrita. Por volta do século X, as peles de animais possuíam grande valor comercial e eram elementos corriqueiros na vida do homem medieval. Havia, nesse período, o peliteiro, que possuía a função de preparar, curtir e vender as peles. Entretanto, as peles por eles preparadas não tinham como finalidade a escrita, mas sim o fabrico de calçado e vestuário. No século XII e XIII, eram os monges, em seus

respectivos mosteiros, que preparavam os pergaminhos para a escrita.

Em períodos de falta de pergaminhos, raspavam-se os livros mais antigos para a reutilização – eram os chamados palimpsestos ou a chamada opistografia. Portanto, explorando-se a História, com a indicação dos produtos (tipos de papiro, pergaminho ou papel) produzidos ou utilizados em determinado local e data, indicando-se como eles eram manipulados, podemos até ter uma idéia a respeito da economia desta região.

Já o papel, invenção chinesa datada de aproximadamente 100 depois de Cristo, chegou à Europa por intermédio dos árabes por volta do século IX. Apesar de já ser conhecido, passou a ser mais amplamente utilizado a partir do século XIV. A utilização do papel deu-se pela dispersão, no século XV, de fábricas pela Europa; o pergaminho, nesta época, apresentava preço pouco acessível.

Outro item estudado pela Codicologia é o processo e o local de elaboração dos manuscritos: os *scriptoria.* Eram os locais de trabalho dos copistas, ou escribas, inicialmente eles tinham duas funções principais: a religiosa e a administrativa (finalidades judiciais, reais, fiscais etc.). No *scriptorium* havia divisões definidas de tarefas, cada trabalhador tinha sua função específica na composição do códice: um preparava o suporte da escrita, outro cortava este suporte, outro definia os limites dos fólios e sua justificação – margens -, outro trabalhava as capitulares, outros tratavam da iluminura e assim por diante. A cópia era uma ação repetitiva e devia-se agir com fidelidade máxima ao texto original.

Quanto aos instrumentos da escrita, ao longo da História, utilizou-se o estilo, o cálamo e a pena. Nos primeiros tempos da escrita utilizou-se o estilo – *stilus ou graphium* – haste de ferro ou mármore com ponta para traçar os caracteres nas tabuletas. Com o tempo, deu-se a utilização

do cálamo – *calamus* – era um pedaço de junco cortado em forma de pena, utilizado até o século XIII. Pena de pássaro, geralmente de ganso ou de cisne, também foi bastante usada: as penas eram afiladas e talhadas, isto é, passavam por um processo de endurecimento para que atendessem de forma mais adequada à finalidade de instrumento para a escrita. Pelo menos no ocidente peninsular, a pena foi o instrumento de escrita mais usado até aproximadamente 1800.

Quanto ao formato do livro, fazemos breve comentário sobre os mais importantes: o rolo e o códice. O rolo ou *volumen* só podia ser lido por uma pessoa em pé ou inclinada, porque era sustentado com as mãos, já o códice de pergaminho escrito dos dois lados – frente e verso – pedia uma mesa para ser colocado durante a leitura. A literatura pagã permaneceu nos rolos de papiro e a cristã passou a dar-se em pergaminho, o que fez com que nesta nova cultura, a cristã, os códices fossem impulsionados (ESCOLAR, 1977, p.14). As impressões anteriores ao século XV são chamadas de incunábulos, e a maior parte deles trata de temas religiosos[2], e mais tarde surgiu o livro.

Na medida em que o livro, especialmente o impresso, começa a ser confeccionado, a necessidade do papel tornou-se cada vez mais intensa, já estamos entre os séculos XV a XVIII quando a industria papeleira teve seu maior desenvolvimento, conforme afirmam Febvre e Martin (1992, p. 58).

A história e a composição dos livros é sistematizada pela ciência chamada Bibliologia. Conforme já dissemos, esta ciência além de estudar a história e a composição dos livros, se relaciona com a bibliografia, e com a produção,

[2] "Se calcula en unas 13.000 el número de obras o ediciones publicadas en el sigo XV, de las cuales más o menos los 6/7 son obras reliosas o teológicas, y sólo 1/7 obras literarias, antiguas y contemporáneas." Finó, J. Frédéric. In: Elementos de Bibliología, 1940, p. 16.

evolução, descrição, conservação, publicação e, mais tangencialmente, a restauração dos livros.

> Disciplina que estuda o livro impresso enquanto objecto material. Procura observar, descrever e interpretar os elementos bibliográficos ao longo das três fases da história da tipografia: a) período inicial: segunda metade do séc. XV. b) período da tipografia manual: 1501-1800; c) período da tipografia mecânica: 1801-1950. O seu objectivo é o de traçar a história da produção e circulação do livro de um ponto de vista simultaneamente técnico e cultural. (GASKELL, 1985)

O livro manuscrito

De posse das informações anteriores, importa agora tratar mais de perto do livro manuscrito. Quanto ao rolo, a escrita era apresentada em colunas; a extremidade superior e a inferior eram as mais vulneráveis à deterioração, devido ao manuseio, e geralmente apresentavam tiras coladas nesta região. Dá-se exemplo a seguir.



Foto extraída do site www.ufp.pt: 9b462ef04.jpg

Figura 1 – rolo parcialmente aberto

Com base em Garcia (2002) temos que o rolo predominou durante toda a antigüidade grecolatina, geralmente feito de pergaminho enrolado em uma vareta, fixada nos extremos. Para se ler o exemplar, enrolava-se com a mão esquerda a parte já lida e ao mesmo tempo se desenrolava o restante com a mão direita. Nos domínios latinos, ao final do texto havia a expressão *Explicitus est liber* e significava "o livro foi desenrolado", isto é, o livro foi lido. Esta expressão seguiu sendo usada até o aparecimento do códice. O rolo podia ter a extensão necessária para compreender o texto completo, podiam ser de papiro, pergaminho e até de papel. Havia diversos tipos de rolos dentre os quais os de caráter obituário ou litúrgico. Os litúrgicos, especialmente os referentes ao

Dia da Páscoa, eram muito bem ornamentados. Segundo, Garcia (2002, p.120) a idéia inicial do rolo perdura até os dias atuais se pensarmos no disco de vinil, nas fitas cassete, nos disquetes e, mais atualmente, nos cds. E, a nosso ver, é possível imaginar-se que a idéia original desapareça, já que aos poucos, todas essas mídias citadas acima estão sendo substituídas pelo MP3.



Calina Projetos - Pergaminhos do Mar Morto - Fotos de Divulgação
Figura 2 – Pergaminho do Mar Morto

Os códices de pergaminho somente podiam ser quadrados, pois as "folhas" eram um tanto quanto espessas e não eram tão flexíveis como as folhas de papiro. O códice de pergaminho data do início da Era Cristã e não era projetado com o intuito de ser um objeto portátil.



Livro de horas . França, c. 1450-1460. 173 ff. Pergaminho. 25.2 x 17cm. Inv. nº L.A. 135. Foto extraída de www.museu.gulbenkian.pt - Fundação Calouste Gulbenkian

Figura 3 – Livro de horas confeccionado em pergaminho

O termo *codex* era usado para denominar um conjunto de folhas de qualquer material (madeira, pergaminho, bambu, etc), unidos entre si pela margem interna por um vínculo que podia ser de cordões, tiras de couro ou anéis metálicos. Para a confecção do códice de pergaminho, os fólios eram cortados em formato padronizado e eram atados em conjunto por um lado e formavam os cadernos, que reunidos formavam o livro, de modo similar ao utilizado hoje.

Geralmente, em tipografia, na primeira página de cada um dos cadernos há uma assinatura[3], que até hoje é usada, para indicar onde deve ser feita a dobra de cada uma das folhas para uma posterior organização dos cadernos para o acabamento final. Então, temos também, como indicador de seqüência, os reclames, que apareciam no final de cada caderno, enquanto que as

[3] Trata-se de um número ou uma letra, ou um número e uma letra juntos.

assinaturas apareciam no início. Com o passar do tempo os reclames passaram a ser utilizados em todas as páginas e não apenas no final dos cadernos.

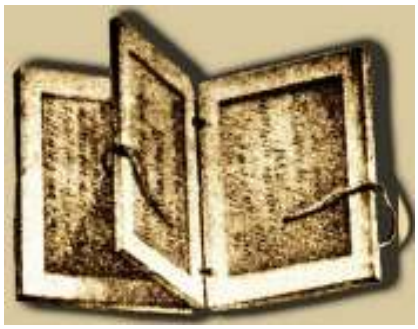


Figura 4 – Codex de tábuas de madeiras enceradas
Figura extraída de
http://www.cnice.mecd.es/eos/MaterialesEducativos/mem2001/scripta/varia/blank/triptico.htm

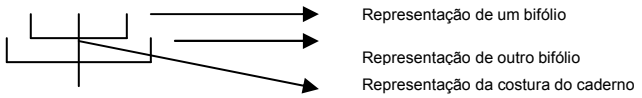


Figura 5 – Codex de bambu
La Chine des Han. Histoire et Civilisation, Presses Universitaires de France, pàg. 124.
PIRAZZOLI-t'SERSTEVENS, Michele (1982)

A organização dos cadernos manuscritos

Um caderno é constituído por unidades básicas, que são peças do suporte que receberá a escrita, são os bifólios. Bifólio é, conforme o próprio nome sugere, um fólio dobrado ao meio.

Um caderno é a reunião de bifólios, obtidos pela dobra de uma folha, ou reunião de dobras dobradas. Para ser um, deve haver pelo menos duas folhas. Senão tratar-se-á de um fólio (folha) simplesmente, ou do *in-plano*, possui, portanto, duas páginas – a frente e o verso. Veja-se esquema abaixo[4]:



Há diversas formas de organização de cadernos, uma delas é a descrita acima, que é a mais comum e regular. Mas há a opção de os fólios serem superpostos. Veja-se representação gráfica abaixo.

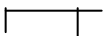


Figura 7 – Representação de fólio mutilado ou excluído após a encadernação

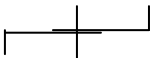


Figura 8 – Representação de encadernação com fólios sobrepostos

ero de bi
os nomes.

ıustrações abaixo:

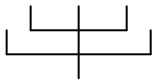


Figura 9 – Bínio; composto por dois bifólios

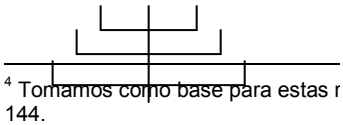


Figura 10 – Terno*;* composto por três bifólios

[4] Tomamos como base para estas r
144.

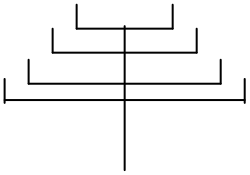


Figura 11 – Quaterno; composto por quatro bifólios

Cadernos compostos por cinco bifólios são chamados de quínios; de seis, os sênios; de sete, os septênios; de oito, octônios e assim por diante. Esta técnica de construção dos fascículos é chamada de organização por bifólios independentes.

Há outra modalidade de organização dos fascículos que é por meio de dobras dos fólios. Se tivermos um fólio simplesmente, ou um seja, um *in-plano*, portanto, teremos duas páginas – a frente e o verso – então não poderemos considerar que isto seja um caderno. Mas, se o fólio possui uma dobra, temos o *in-fólio* que apresentará quatro páginas.

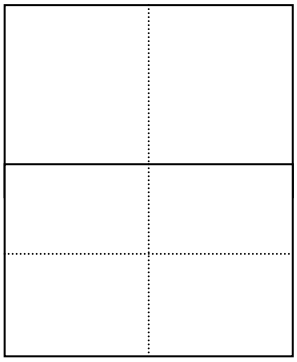


Figura 12 - *In-fólio*: uma dobra; quatro páginas

Figura 13 - *In-quarto*: duas dobras; oito páginas

A folha *in-octavo* tem três dobras e dezesseis páginas e assim por diante.

A maneira mais complexa de se constituir um caderno é por meio da imposição. Tratava-se da distribuição das páginas sobre uma folha bastante grande e que uma vez dobrada teria o número de páginas planejado, portanto, para isso o copista precisava ter o cuidado de seguir um trajeto complexo para que a seqüência de sua escrita corresponde-se a página correta após as dobras da folha.

Os cadernos eram considerados unidades independentes até o momento da encadernação por isso eram necessários indicadores de ordem/seqüência; estes indicadores eram as assinaturas e os reclames. Vejam-se as gravuras abaixo:

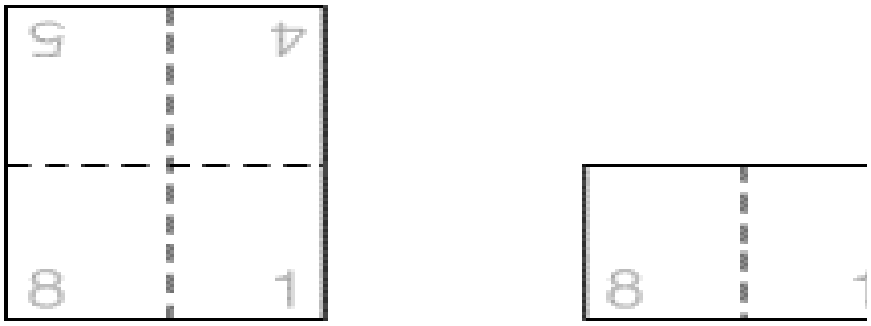


Figura 14 - Exemplo de como se compõe um *quaterno*

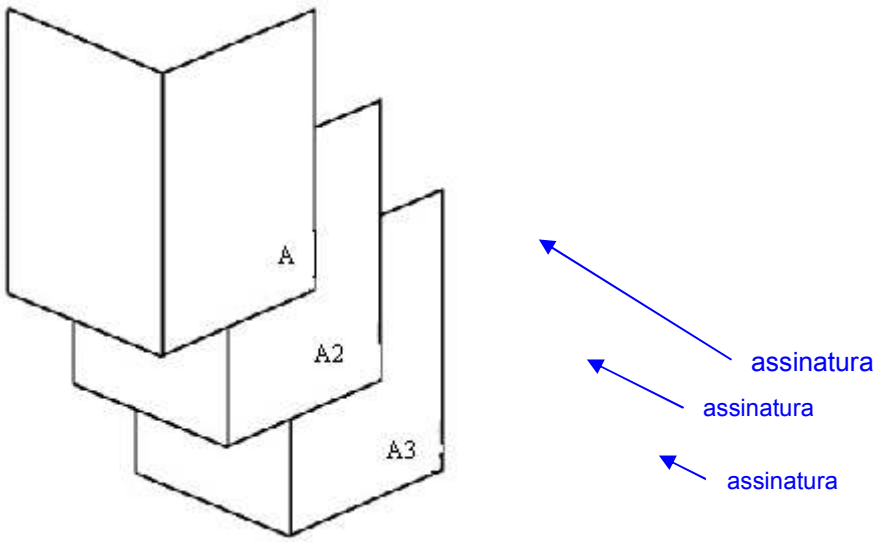


Figura 15 - Exemplo de caderno composto de três bifólios.

A numeração das páginas deu-se por volta de 1470, no *Sermo de praesentatine Beata Mariae* de Werner Rolevinck conforme Araújo (1986, p.275).

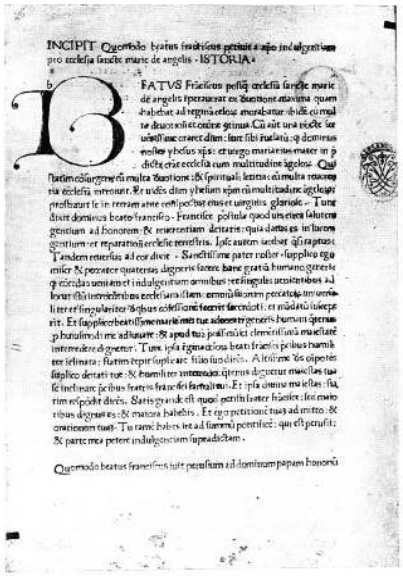
Para o leitor, a seqüência das folhas do livro é dada pela paginação, porém para o encadernador, a seqüência seguida dos é a dos cadernos, que é indicada pelas assinaturas. Como as assinaturas, os reclames e paginação servem para se verificar uma possível supressão de folhas.

O livro manuscrito foi confeccionado de data não definida antes de Cristo até o século XV. A partir deste século e até aproximadamente 1471, confeccionaram-se os livros, chamados de incunábulos, do latim *incunabulu*, "berço". Seriam então as primeiras produções de tipografia. Em verdade, consistiam em impressões feitas por tipos de madeira mergulhados em

A

tinta e que funcionavam como uma espécie de carimbo. Deste modo, no final da Idade Média possibilitaram a confecção de um maior número de cópias das obras, tornando assim os conhecimentos mais acessíveis e evitando o contato com o manuscrito, artigo raro.





INCIPIT Quemodo beatus franciscus petiuit a papa indulgentiam pro ecclesia sancte marie de angelis - ISTORIA.

BEATVS Franciscus postq; ecclesiā sancte marie de angelis reparauerat ex deuotione maxima quam habebat ad reginą celoꝝ meritabatur sibi cū multe deuotionis et ordine grimus. Cū aūt una nocte sollicitus orare deum: fuit sibi reuelatū q; dominus noster ihesus xps: et virgo maria eius mater in p dicta erāt ecclesia cum multitudine angelorū. Qui statim cōsurgens cū multa deuotione & spirituali letitia cū multa reuerentia ecclesiā intrauit. Et uidēs deum ihesum xpm cū multitudine angelorum prostratus se in terram ante conspectum eius et angelōrū glorioſe. - Tunc dixit dominus beato francisco - Francisce petitule quod uis etenim saluterem gentium ad honorem & reuerentiam deitatis: quia dignus es in terra gentium: et reparationi ecclesie remissus. Ipse autem uidebat qđ raptus. Tandem reuersus ad eos dixit - Sanctissime pater nobis supplico ego miser & peccator quatenus dignetis facere hanc gratiā hominibus qui ecclesiam uestram et indulgentiarum omnibus et singulis uenientibus ad hanc ecclesiam concedere: ut omnibus hominum peccata in ecclesia li ter et singulariter locus ecclesiastici fecerit sacerdoti: et mādatū susceperit. Et supplicer beatissime marie me tue adesse dignetis humani generis p humilmodi me adiuuare: & apud tuū pdilectū clementissimū mediatore intercedere dignetur. Tunc ipsa dignatione beati francisci pcibus humiliter inclinata: statim cepit supplicare filio suo dicēs. Altissime & omipotēs supplico dignati tue: & humiliter intercedo: quatenus dignetur misericordias tuas se inclinare pcibus fratris francisci famulatus. Et ipsa diuina maiestas: statim respondit dicēs. Satis grande est quod petisti frater francisce: sed maioribus dignus es: & maiora habebis. Et ego petitioni tuę ad nutū: & orationem tuam. Tu tamē habes ire ad summū pontificē: qui est petrus: & parte mea petere indulgentiam supradictam.

Quemodo beatus franciscus iuit petendum ad dominum papam honorū

Figura 16 - Incunábulo de 1492/3.
Figura 17 - Primeira página
Foto extraída de www.amuletum.it/.../ 001-Incunabulo.jpg
de Ystoria dell'indulgenza di S. Maria

della Porziuncola(Trevi, 1470)Biblioteca Alexandrina - Roma.
Foto extraída de www.protrevi.com/protrevi/ images/tipog02.JPG

Assim como o códice é um antepassado do livro, o incunábulo é um antecessor do livro impresso.

O volume, com o desenvolvimento da encadernação, passou a ser considerado como objeto de arte, de decoração e até de status. E isto é assim até os dias atuais. Os livros de horas ou breviários eram obrigatórios para as endinheiradas cortes reais, estes eram rica e impressionantemente bem ilustrados e encadernados. Vejam-se as ilustrações abaixo:

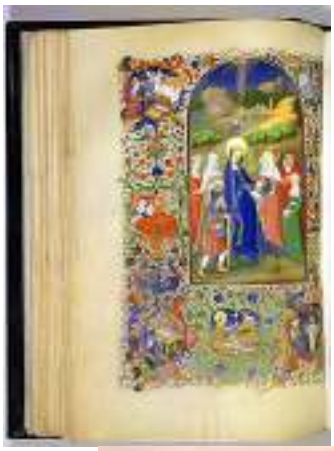




Figura 18 - The book of hours of Isabel of Brittany
Figura 19 - Book of hours.
The hours of Lamoignon. 1420/1430.
Italy. 1506-1507 (?) 179 ff. 27 x 18.2cm Inv. nº L.A. 149
Foto extraída de http://www.museu.gulbenkian.pt/obra.asp?num=la237&nuc=a8&lang=en Foto extraída de http://www.museu.gulbenkian.pt/obra.asp?num=la149&nuc=a8&lang=en

O reclame no livro manuscrito

Do período medieval até os primeiros anos da imprensa, a formatação da mancha textual deu-se de modo que a margem superior fosse menor do que a margem inferior, pois, além do já explanado acima, na última linha havia o reclame que ocupava um pequeno espaço do canto direito, acarretando um maior espaço em branco na margem inferior (HOUAISS,1983, p.46). Logo, desde a tradição manuscrita até a impressa, a preocupação a respeito do tamanho das margens se manteve.

Nos *scriptoria* uma só obra sofria a intervenção de muitos artesãos, portanto, para facilitar a organização posterior do caderno, podiam ser inseridos dois tipos de marcação: as assinaturas e os reclames.

A assinatura era colocada em determinado local para informar a ordem dos cadernos que constituíam o manuscrito como um todo. O mais freqüente tipo de assinatura é o alfabético, mas existe também o alfa-numérico. A assinatura, em períodos mais tardios era marcada no canto superior direito da primeira página de cada caderno. Depois passou a ser inserida no canto inferior direito da última página de cada caderno, e eram indicados por algarismos romanos. Outras vezes, as assinaturas eram precedidas por uma abreviatura que indicava qual era o tipo de caderno, por exemplo, "t" poderia indicar um terno. Mais adiante, as assinaturas passaram para a posição central da margem inferior da primeira página de cada caderno e se repetia no último fólio.

Após tratar-se do tema das margens e da assinatura, nada mais apropriado que se abordar a questão dos reclames propriamente ditos. Já sabemos que consistem num grupo de letras ou palavras que a

princípio eram colocadas na margem inferior do verso do último folio de um fascículo e essas letras ou palavras se repetiam no início do fólio seguinte. Na maioria das vezes, eram escritos na horizontal e foram retirados de muitas obras devido a sucessivas perfilações dos encadernadores. Eles podem ser escritos na vertical ou escritos de forma oblíqua (DIAZ, 1999, p. 3-30). Se bem que o fato de não haver nenhum sistema de ordenação entre as páginas de um texto é freqüente, pois se afirma que o uso deste elemento técnico está relacionado com os costumes dos copistas que podiam utilizá-lo com certa independência. Nesse momento, os reclames ainda indicavam a seqüência dos cadernos; e posteriormente passaram a indicar a seqüência dos fólios.

Portanto, conhecer as assinaturas e os reclames é útil para auxiliar a descobrir características codicológicas de um documento, como tipo de cadernos, datação etc. Nem todos os tipos de códices e livros, no entanto, possuíam reclames. Um exemplo disso são os incunábulos. O estudo e a classificação dos incunábulos é uma tarefa difícil e exige muito conhecimento do assunto. De uma maneira geral, os incunábulos são feitos em papel espesso, desigual e amarelado, os caracteres são irregulares. Têm várias abreviaturas e a maioria não tem paginação, assinaturas, lugar e dada de impressão, muito menos, reclames (FINÓ, 1940, p.19).

Os reclames podem ser escritos na mesma linha do texto ou podem ser subscritos à derradeira linha da página[5]. Vejam-se as ilustrações abaixo:

Figura 22

Exemplo de reclame na mesma linha do texto.

Auto de crime. Arquivo do Estado de São Paulo.

[5] Em nossa pesquisa, identificamos algumas repetições de palavras nos moldes dos reclames em documento manuscrito do início do século XX. Entretanto não temos evidências suficientes para comprovar se se tratavam de reclames ou de mera distração do copista/escritor. Trata-se de um processo eleitoral datado de 1908, que se encontra no Arquivo do Estado de São Paulo, sob a cota 41766.

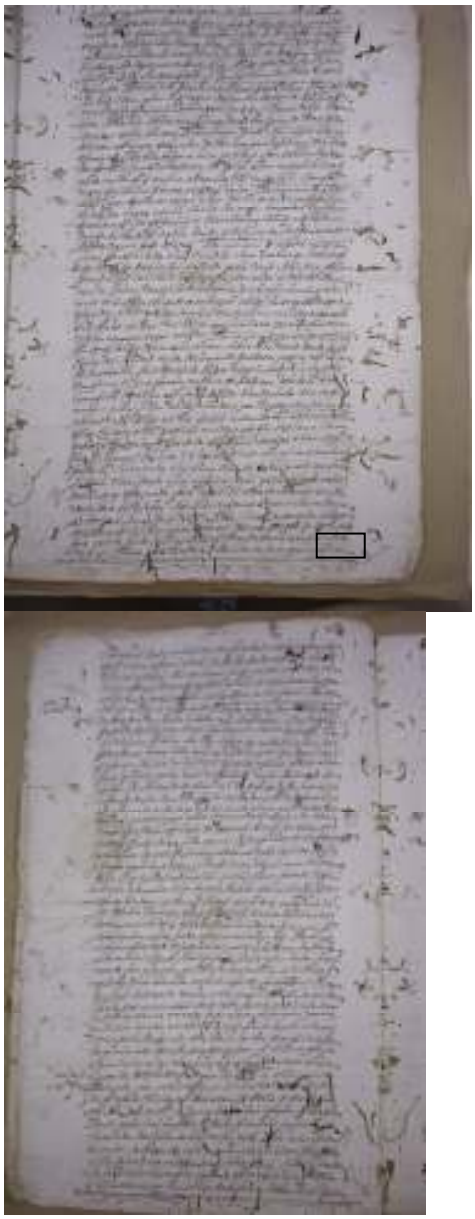
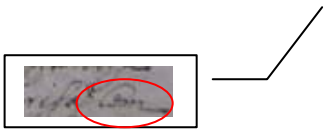
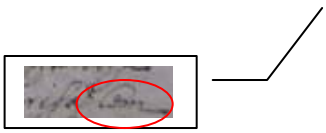


Figura 21

Exemplo de reclame na mesma linha do texto.

Auto de crime. Arquivo do Estado de São Paulo.





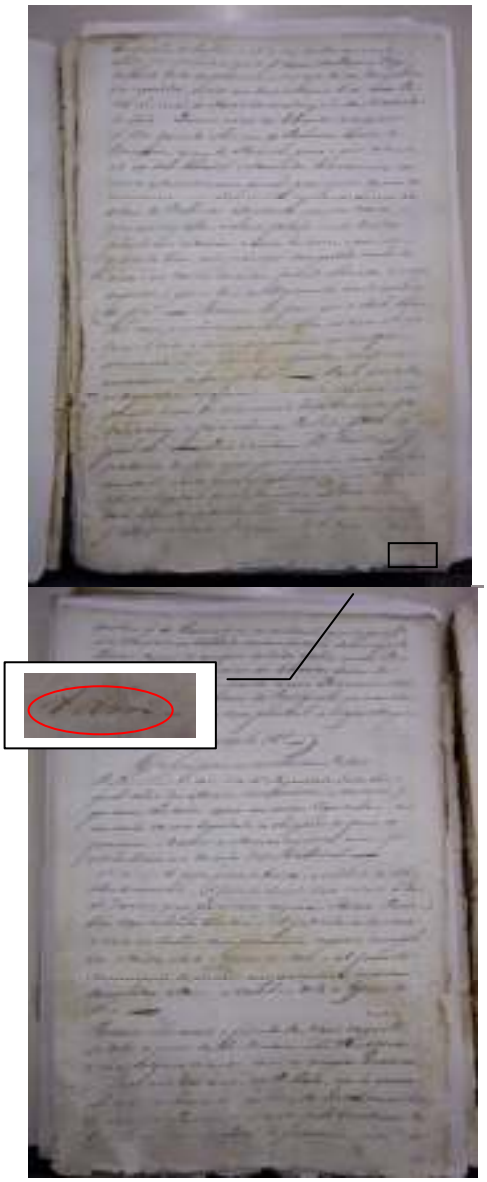


Figura 22

Exemplo de reclame subscrito ao texto.

Estatuto da Catedral da Sé. Arquivo do Estado de São Paulo.

O estudo de textos em português, manuscritos, dos séculos XV ao XIX, convida-nos e leva-nos a interessantes descobertas e faz perceber a utilização de recursos como as assinaturas e os reclames que apresentam variedade quanto suas estruturas, com predominância de alguns tipos, e demonstra uma certa regularidade na freqüência de seu uso no decorrer dos tempos.

Referências bibliográficas

ACIOLI, V.L.C. **A Escrita no Brasil Colônia***:* um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: Editora Universitária UFPE / Fundação Joaquim Nabuco / Ed. Massangana, 1994.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Brasília, INL, 1986.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro / São Paulo, Presença/ EDUSP, 1987.

BUENO, Francisco Silveira. **Estudos de Filologia**. 1º vol, São Paulo, Edição Saraiva, 1954.

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear *de* CUNHA, César Nardelli Cambraia; MEGALE, Heitor. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

DE MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. **O papel como elemento de identificação.** Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. **Revista Histórica**. São Paulo (2005), v. 4, p. 1-9.

____. **Subsídios para um estudo do reclame a partir de manuscritos e impresos em portugués (Sécalos XVI a**

XIX). Dissertação de mestrado defendida na FFLCH-USP em 31.01.2007.
DÍAZ, Elena E. Rodríguez. El uso del reclamo en España. **Scriptorium**. Bruxelas (1999), v. 53 (1), p. 3-30.
ESCOLAR, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras**. Brasília, INL, 1977.
FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo, Ed. da UNESP, 1992.
FINÓ, J. Frédéric. **Elementos de Bibliología**. Buenos aires, Imprenta y Casa Editora Coni, 1940.
GARCÍA, Elisa Ruiz. **Introducción a la codicología.** Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.
GASKELL, P. A. **New introduction to bibliografhy**. 4 th ed.Oxfor, Claredon Press, 1985.
MÁRQUEZ, Carmen Álvarez. La utilización de reclamos en diagonal en códices latinos escritos en El Reino de Castilla en el siglo XV. **Scriptorium**. Bruxelas (1999), v. 54 (2), p. 219-229.
MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita.** São Paulo, Ática, 2001. ISBN 85-08-05757-1.
MCMURTRIE, Douglas C. **O livro**: impressão e fabrico. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.
NASCIMENTO, Aires Augusto e DIOGO, António Dias. **Encadernação portuguesa medieval**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
OSTOS, Pilar et al. **Vocabulario de codicología**. Madrid: Editorial Arco/libros, 1997.